

O Museu em ruínas – Obras da Coleção António Cachola



Francisco Tropa
Tesouros Submersos do Antigo Egipto
Detalhe
Foto: Pedro Tropa e Teresa Santos

O Museu em Ruínas procura mostrar que os processos de desconstrução e reconstrução são produtivos. As obras dos artistas portugueses presentes nesta exposição desafiam-nos e são desafiadoras em si mesmas, num contexto onde os conceitos se desconstróem e se constroem concomitantemente: paisagem construída/paisagem natural; protesto/subversão; matéria-prima/matéria manufacturada; signos polissémicos; a ideia de *assemblage* e a reconstrução de novas narrativas; os princípios da *street art/graffiti* apresentados em contexto de *site specific* no interior do museu. Metaforicamente, *O Museu em Ruínas* alicerça-se sobre processos de destruição criativa.

PISO 1

A obra de **Miguel Ângelo Rocha** (*Malas e ossos*, 2009) inicia o percurso expositivo. A escultura recupera a ideia de *assemblage*, que tem orientado o percurso da obra do artista. Tal como refere o próprio “*Malas e ossos* é uma *assemblage* de estrutura híbrida ao convocar e reunir objectos e “ideias” de universos diversos: o objecto encontrado, *ready-made* assistido das malas, o conjunto de ossos reunidos num processo “constructivista” e o elemento que os liga, a “pega distendida e elástica”, porventura surgida de um *cartoon* de *Tom and Jerry*”.

Na **rampa** de acesso à Galeria 1 encontra-se a obra (*O Inferno IX*, 2008) do artista **Rui Chafes**, uma escultura que nos remete para a leveza do movimento de ondulação dos cabelos e simultaneamente para a dureza, por ser construída em ferro.

Na **Galeria 1** encontram-se duas obras de **Pedro Barateiro**, (*Summa Cavea*, 2010 e *Mesa de Trabalho/ Mesa de Jogo*, 2010), uma obra do artista **Mauro Cerqueira**, (*Falling from grace*, 2009) e um vídeo de **Maria Lusitano** (*Projecto Bindoville*, 2002).

O Museu em ruínas – Obras da Coleção António Cachola

As obras de Pedro Barateiro resultam de uma leitura desconstrutivista a partir de realidades e narrativas históricas, neste caso evidenciadas pela actividade arqueológica. O artista assume-se quer como espectador, quer como espectador do espectador. *Summa Cavea*, é o título de um filme documental que mostra a vivência de um grupo de arqueólogos a trabalharem numa mina no Sul de França, entre 1954 e 1957, aquando da descoberta dos vestígios da última fila de um teatro ou um anfiteatro romano, ou seja, a *summa cavea*.

Tensão, fragilidade, balanço, densidade, construção/destruição são palavras-chaves do vocabulário de Mauro Cerqueira presentes em *Falling from grace*, *Orrer Gue D Lutar* (**Galeria 2**) e *Uma brecha no muro* (**Piso 2 – Galeria 4**).

O *Projecto Bindoville* aborda as questões da arquitectura clandestina, o *Bidonville*, bairros em França destinados aos emigrantes portugueses.

Passando à **Galeria 2**, as obras de **±MAISMENOS±**, (*To buy or not to be*, 2009; *To protest and to subvert*, 2010) integram-se, segundo o artista, no “Projecto de intervenção crítica, que questiona as implicações sociais do corrente modelo de gestão política, social e económica, e o papel do designer e do artista na sua edificação e manutenção. A sua expressão programática apresenta-se reduzida a uma equação de simplicidade e opostos: mais/menos, positivo/negativo, preto/branco. Tornou-se uma referência da intervenção urbana em Portugal, tanto pela sua propagação viral, como pelos diversos meios em que se integrou.” *To buy or not to be* “Questiona a sociedade actual e a sua necessidade constante e crescente de consumo. A materialização desta ideia é feita a partir de um carrinho de compras de supermercado, alargado em forma de '+'. Este objecto, simbólico do sistema de mercado, revela nos seus materiais não tratados a continua decadência e degradação da sociedade que o materializa. 'Ter ou não ser' é hoje a questão.” *To protest and to subvert* constitui “Uma antítese à figura da autoridade espelhada nas suas formas e materiais, mas subvertida nas suas características, mostrando o artista de rua como um combatente de protesto. Funciona ao mesmo tempo como uma observação à passagem (ou conquista) do artista de rua para um espaço de arte contemporânea e, deste modo, ilustra-se numa aparência canónica, imponente, com um sentido quase religioso.”

O Museu em ruínas – Obras da Coleção António Cachola

PISO 2

No **cimo da escadaria** de inspiração barroca encontra-se uma obra da série (*Blind images # 177*, 2010), de **João Louro**. De acordo com Nuno Crespo, as *Blind Images* de João Louro “partem de uma imagem real retirada de uma revista ou de um filme (...) e escondem os personagens e as formas: as imagens que recolhe são apagadas e fica unicamente a legenda, as palavras descritivas que, supostamente, tornam a imagem mais clara e precisa, ou seja, que a descodificam. (...) Ao vazio das imagens justapõe-se a legenda; e é o espectador, abandonado e perdido nestas superfícies, que tem que resolver o enigma que é a relação entre a descrição da legenda e a imagem que não pode ver.

Passando à **Galeria 3**, a obra de **Francisco Tropa** (*Os Tesouros Submersos do Antigo Egipto*, 2008) não apresenta, segundo Ricardo Nicolau, “ao contrário daquilo que o nome parece indicar, artefactos arqueológicos, porventura recém-descobertos, originários de uma geografia longínqua, de um tempo distante. Francisco Tropa também não é um mero apresentador de objectos preexistentes por si seleccionados. Ele é o artista que recolheu, concebeu e fabricou, ou mandou executar segundo desenhos seus, de acordo com as suas indicações precisas, todas as peças que constituem este falso espólio de antigos “tesouros”.

Na **Galeria 4** encontram-se uma escultura de **Nuno Sousa Vieira** (*Chão Morto*, 2009) e a Instalação de **Rodrigo Oliveira** (*Embargado Clandestinos #1#2#3#4*, 2005), constituída por 4 esculturas.

“*Chão Morto* é um projecto escultórico desenvolvido em dois momentos: primeiro, uma acção que conduziu ao “dessassoalhamento” do chão da sala que exercia a função de arquivo morto, na empresa cujas instalações são actualmente o ateliê do artista. Acção que se encontra documentada em quatro fotografias que apresentam esse espaço já sem o soalho de tacos que lhe pertencia. Os tacos foram numerados, retirados e limpos. Num segundo momento, os tacos foram remontados pela mesma ordem, mas não no mesmo espaço, nem a exercer a mesma função” (Nuno Sousa Vieira).

Como refere **Rodrigo Oliveira**, parte da sua “investigação é materializada em objectos e instalações que têm como ponto de partida os conceitos de desmaterialização, vazio e ciclos de transformação. O principal objectivo do meu trabalho, é talvez, explorar a condição do individual num mundo dominado pelo social, económico e pelos modelos culturais, propondo uma reflexão sobre os mecanismos de identificação e participação usados na arte e na vida quotidiana”.

Um conjunto de fotografias de **Luís Palma**, (*da Série Memória, Urbanismo, Periferia*, 2008; *da Série Territorialidade*, 2008 e *da Série Cartografia*, 2009), remete-nos para as temáticas do desordenamento/ordenamento territorial, paisagem natural e paisagem humanizada. Como refere o próprio, “no que respeita ao meu trabalho, penso que o mesmo acaba por convergir num exercício plástico que se demarca de uma aproximação a um projecto realmente documental (...) temos assistido a uma apropriação de documentos que constroem novas narrativas que estabelecem uma ligação entre o passado e o presente, factos e ficções”.

O Museu em ruínas – Obras da Coleção António Cachola

Na **sala de projecção** passa a vídeo-projecção de **Alexandre Estrela** (*Le Moiret*, 2010) filmada na Bretanha e que consiste num vídeo que regista o movimento aleatório das folhas de uma pequena palmeira desencadeado pelo vento e cujo som provem de uma só coluna colocada no chão. Um vidro filtra e divide a imagem que ao ser projectada num canto, cria efeitos ópticos de Moiret. A projecção num canto axonométrico confere não só uma estrutura física à imagem, como um centro espacial.

Alexandre Farto Aka Vhils apresenta, na **Galeria 5**, um trabalho de intervenção *site specific* a partir da sua obra (*Building 3 Steps*, 2006). Escavar paredes do museu é, simbolicamente “um acto de arqueologia, em que trago à superfície pedaços esquecidos, fragmentos da história e cultura deixados para trás, um processo que tenta reflectir sobre as várias camadas que nos formam individual e colectivamente.”

Isabel Pinto & Patrícia Machado

“O Museu em ruínas” – Obras da Coleção António Cachola

5 de Fevereiro a 3 de Abril de 2011

O Museu em ruínas – Obras da Coleção António Cachola

SALA DO CONSISTÓRIO

A artista visual portuguesa Ana Rito (Lisboa, 1978) apresenta *Semi-Panoramic Sea Concert* (2010) e *AKTION* (2010), filmes realizados na residência artística no Carpe Diem – Arte e Pesquisa, antigo Palácio Pombal, em Lisboa no âmbito do Festival Temps d’Images. Prosseguindo com a linha orientadora de obras anteriores (*Encore*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, *Puppe Project*, Mario Mauroner Contemporary Art, Viena) caracterizadora do seu trabalho, a artista explora a complexidade do corpo-cinema deleuzeano e as suas possibilidades enquanto imagem afectada pela dimensão temporal, proto/pseudo narrativa, psicológica e instalativa. Fazendo do happening e da performance matéria primordial de reflexão, utiliza o vídeo como meio operativo que possibilita o entendimento do corpo enquanto corpo-político, no qual os gestos e poses tendem, numa referência a Godard, a construir as atitudes da carne como categorias do espírito. Tendo como referência o happening *Koncert Morski*, 1967, de Tadeusz Kantor, Rito concebe *Semi-Panoramic Sea Concert* (2010), uma nova vídeo-instalação, para a antiga cozinha do Palácio Pombal. Nesta peça, uma personagem feminina “recria” o concerto ao mar num ritual de gestos e repetições hipnóticas que redimensionam a obra do autor polaco. Para a artista, Kantor é uma figura incontornável do panorama Europeu no que concerne ao trabalho sobre a performance, o happening e mesmo o teatro nos seus diversos cruzamentos com as artes visuais. Em *Semi-Panoramic Sea Concert* (2010) assistimos a uma primeira incursão que utiliza a rotação em exterior como lugar do acontecimento, e, numa perspectiva neo-romântica dimensionável do Homem perante a Natureza, transporta o corpo da performer do espaço arquitectural para o espaço “lá fora”, conseguindo reflectir no exterior a dimensão interiorizável do Eu. Já em *AKTION* (2010), o que parece ser uma imagem de arquivo, de um acontecimento sem tempo ou *lugar*, deixa o espectador num palco de incerteza e estranheza, quando dois corpos despidos se contorcem sem coordenadas ou “linha do horizonte”.

Hugo Barata